

E 179/9

JEAN HANKISS

Professor da Universidade de Debrecen (Hungria)

**A vida de Camões num romance
húngaro do século XIX**

«VIDA E SONHO», de Sigismundo Kemény



GUIMARÃES
1 9 4 9

A vida de Camões num romance húngaro do século XIX

**(Separata do fasc. 1-2 do volume LIX
da «Revista de Guimarães»)**

JEAN HANKISS

Professor da Universidade de Debrecen (Hungria)

**A vida de Camões num romance
húngaro do século XIX**

«VIDA E SONHO», de Sigismundo Kemény



GUIMARÃES

1 9 4 9

E 179/9



Prof. JEAN HANKISS

Fidelino de Figueiredo, que em sua Cátedra de Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, está prestando assinalados serviços à mentalidade brasileira e honrando Portugal, quis, longe da Pátria, demonstrar mais uma vez a sua inalterável simpatia pela Sociedade Martins Sarmiento, que se orgulha de o contar entre os seus mais activos e prestimosos consócios, e enviou-nos, em Junho do ano transacto, com destino às páginas desta Revista, a tradução portuguesa de um valioso artigo redigido em francês pelo notável Escritor húngaro Prof. Jean Hankiss, da Universidade de Debrecen, lusófilo apaixonado, conhecedor da nossa língua e da nossa literatura, apesar de nunca ter estado em Portugal.

O artigo do Prof. Hankiss, que, infelizmente, só neste fascículo nos foi possível inserir, é um interessante estudo camoneano, dedicado ao seu e nosso amigo Dr. Fidelino de Figueiredo, onde analisa uma interpretação da vida do Épico nacional por um grande literato húngaro da época romântica, o barão Sigismundo Kemény (1815-1875), no seu romance intitulado «Vida e Sonho», cujo manuscrito, à excepção de alguns trechos publicados na Revista «Honderü», em 1844, se conservou inédito até 1914, data em que pela primeira vez veio a lume, em Budapeste.

O estudo crítico desse livro pelo Prof. Hankiss, que, por amável iniciativa de Fidelino de Figueiredo, damos hoje a conhecer em Portugal, intitula-se *A Vida de Camões num romance húngaro do séc. XIX*. Não é inédito este tema, pois ainda há pouco foi tratado na publicação «Letras e Artes» (N.ºs 10 e 11, de 13 e 20 de Março de 1949) do jornal lisboeta «Novidades», num artigo intitulado «O prestígio intelectual de Camões na Hungria», do filólogo húngaro Paolo Ronai. Informou-nos igualmente o Sr. Prof. Fidelino de Figueiredo de que também outro autor húngaro, o Professor Ferdinandy, actualmente na Universidade de Tucumán (Argentina), lhe escrevera oferecendo um terceiro estudo sobre a mesma matéria. Isto só prova o interesse que na Hungria existe pela personalidade lite-

rária do grande Poeta nacional, analisada assim, quase simultaneamente, por três dos mais consagrados escritores daquele país.

Sem pretendermos fazer aqui a apresentação do ilustre Professor da Universidade de Debrecen, sobejamente conhecido em todos os meios cultos, cumpre-nos anteceder este belo trabalho de alguns traços, que possam definir, ainda que incompletamente, o perfil intelectual do eminente homem de Letras: o Prof. Jean Hankiss é uma das maiores autoridades, tanto na história literária da Hungria como nos problemas gerais da Literatura. Para a discussão destes, fundou uma Revista especial, «Helicon», à volta da qual se agruparam sábios de todo o mundo interessados na investigação de tais problemas. Foi Secretário da Comissão Internacional de História Literária Moderna, e teve grande parte na realização dos três primeiros Congressos Internacionais de História Literária. As suas obras mais conhecidas, porque foram publicadas em francês, são um notável *Panorama de la Littérature Hongroise* e uma vibrante *Défense et illustration de la Littérature*, que foi uma espécie de manifesto renovador da visão de alguns problemas vitais do espírito humano, e rehabilitador da cultura literária. Na Revista internacional «Erasmus» publica frequentemente artigos que documentam a largueza do seu espírito.

Consideramos, portanto, uma honra para a Literatura de Portugal a aquisição deste novo e precioso amigo, que, por intermédio de Fidelino de Figueiredo, ilustra hoje as páginas da «Revista de Guimarães».

REDACÇÃO DA «REVISTA DE GVIMARÃES».

A vida de Camões num romance húngaro do século XIX

«VIDA E SONHO» (1), de Sigismundo Kemény

A Fidelino de Figueiredo.

Enquanto o conceito actual da «literatura universal» não for ultrapassado por um outro mais justo e mais fecundo (2), e enquanto o conhecimento ou a ignorância de uma obra-prima estrangeira depender, na maioria das escolas secundárias do mundo, do número dos habitantes do país em que ela veio a lume, as literaturas portuguesa e húngara não apresentarão, ao conceito dos outros povos, mais do que alguns nomes brilhantes e o motivo de um pequeno remorso de consciência; e assim, escritores notáveis, como Kemény, terão de ser apresentados, enquanto aguardam que algum dia os descubram, como aconteceu a um Dostoiewsky ou a um Ruben Dario.

No caso actual, a apresentação pode limitar-se ao estritamente necessário, pois o verdadeiro objectivo do presente estudo não é Kemény, mas Camões, por ele escolhido como herói, se não como ideal (3) digno do jovem que o escritor então era.

(1) *Élet és ábránd*, na edição das obras póstumas do barão S. Kemény (*Baró K. Zsigmond hátrahagyott munkái*, Budapest, Franklin, 1914, dirigida por F. Papp.

(2) Cf. o nosso estudo *Littérature universelle?* em *Helicon*, tomo I, págs. 156 e segs.

(3) Cf. Lopes de Moura, em *Advertência de «Os Lusíadas»*, Paris, s. d., pág. 31.

O barão Sigismundo Kemény, oriundo de uma família principesca da Transilvânia (1815-1875), deu boas provas dos seus estudos no Colégio de Nagyenyed, foi funcionário no *gubernium* de Kolozsvár, revelou-se como romancista e publicista em Budapest, e, após a guerra da Independência, foi um dos obreiros do Convénio. Um labor incessante, sòmente entre-cortado por longas viagens ao estrangeiro, acabou



O Barão Sigismundo Kemény, autor do romance «Vida e Sonho».

por lhe abalar o sistema nervoso. Os seus últimos anos não foram mais do que uma prolongada agonia de vivo morto, a decomposição lenta de uma inteligência superior que soubera iluminar os mais íntimos recônditos da alma humana e da sociedade.

Uma sensibilidade excepcionalmente desenvolvida, quase dolorosa, uniu-se, nesse taciturno, a um bom senso, que vigiava, com inquebrantável acção, os excessos dessa mesma sensibilidade. O seu grande achado foi a reabilitação do género, bastante desacreditado, do romance histórico, que ele transformou

em romance psicológico, onde a análise, por mais exacta e delicada que seja, encontra sempre o seu objecto e o seu motivo, sem ter de sofrer o constrangimento dos escrúpulos e das deformações, inevitáveis quando se trata de heróis contemporâneos do autor. Escreveu romances de costumes modernos, e romances históricos (1); mas foram estes últimos que lhe asseguraram toda a liberdade de acção, indispensável às suas extraordinárias e magistrais dissecações do coração humano. Um ardor, uma tensão dinâmica, o papel, considerado excessivo num realista, que ele concede à imaginação, assemelham-no aos românticos franceses; mas a sua extrema aversão a todo o optimismo gratuito, à exaltação sem domínio, e, sobretudo, o seu extraordinário poder de observação, aproximam-no dos maiores realistas do século, de Balzac, de Thackeray, dos Russos. Vivendo numa época crítica da história nacional, debate-se entre um idealismo entusiástico e um realismo tímido. Não se compara ele, por isso mesmo, ao seu Camões amado, cujo grande poema exprime, alternadamente, os dois aspectos da sua formação — o amor da aventura heróica, mas também o receio das consequências da desproporção entre o «sonho» e a «realidade»? E a sua nação, reduzida à necessidade de tudo arriscar pela sua liberdade e, ao mesmo tempo, sob a perspectiva do perigo, quase mortal, da sua existência, não se assemelha também, por isso mesmo, à nação de Camões, vivendo na febre de uma grande missão perigosa, entre Vasco da Gama e D. Sebastião?

Kemény sentia-se dominado pelas épocas críticas, infelizmente muito numerosas, que o seu país atravessava. Em *Paulo Gyulai* (1847), *Uma viuva e sua filha* (1855), *Os Fanáticos* (1858), *Tempo sombrio* (1862), esboça os quadros mais verdadeiros, e simultaneamente os mais sombrios da história de um povo heróico, obrigado a lutar pela sua existência e pela da Cristandade. Em vez de pintar heróis «sans peur et sans reproche», faz apenas movimentar homens, almas nuas, pobres seres humanos sacudidos pela onda dos

(1) V. *Anthologie de la prose hongroise*, por Jean Hankiss e L. Molnos, Paris, Sagittaire, 1938, pág. 68 e segs.

acontecimentos. Eles impõem-se mais à nossa piedade do que à nossa admiração; mas revelam-nos sobretudo o Homem de todos os tempos, que a «cor local» do romance histórico nos dá apenas em cambiantes, sem o determinar. Facto curioso: isso não nos impede de reconhecer grandeza neste ou naquele dos seus protagonistas, mas o escritor deixa-nos o cuidado de nós próprios os descobrirmos.

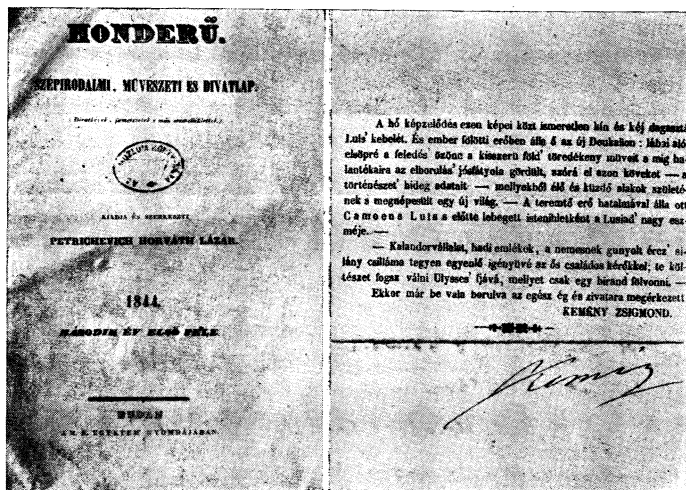
Estas tendências, características no autor das obras-primas da maturidade, encontram-se já neste livro da sua juventude, resplandecente ainda de todos os deslumbramentos do sol romântico. Ele crê ter achado no seu tema — a vida do poeta imortal dos *Lusíadas* — a melhor das oportunidades para mergulhar num banho de beleza romântica. Camões é um poeta ardente, vivendo sob um clima meridional e marítimo, filho de uma raça heróica e sedenta de aventura. Quem, senão ele, merecia ser erguido como herói de uma obra romântica? E, contudo, veremos que, reconhecendo sempre todas as qualidades superiores do seu herói, nem por isso deixa de lhe aplicar o seu método de exame sério e quase severo: ele não sabe resistir à sua tendência de procurar por toda a parte as molas «reais» das acções humanas, ainda as mais sublimes, em todas as almas e em todas as sociedades que as determinam.

Mas é tempo de nos abeirarmos do próprio romance. Kemény começou a escrevê-lo em 1842, quando estava sobrecarregado de trabalho jornalístico e político, e deve tê-lo acabado em 1844, ano em que se publicaram alguns trechos numa revista ⁽¹⁾. Vicissitudes de ordem técnica, que poderiam dar-nos uma das mais flagrantes provas do *habent sua fata libelli* dos antigos, retardaram a publicação do romance até 1914, vésperas do centenário do nascimento do romancista de *Camões*, data em que FRANCISCO PAPP pôs finalmente entre as mãos do público húngaro o manuscrito, por ele reencontrado ⁽²⁾, do romance *Vida*

(1) *Honderü.*

(2) Cf. a edição acima mencionada. Tomamos a maior parte dos dados relativos ao manuscrito, à publicação e às possíveis fon-

e *Sonho*. Há ainda lacunas no manuscrito que serviu de base a essa edição, mas elas não são de natureza



Frontispício da Revista húngara «Honderű», que, em 1844, publicou alguns trechos do romance de Kemény. A página da direita contém a assinatura do escritor.

que impeça o leitor de seguir sem dificuldade a narrativa de Kemény.

Eis as suas linhas principais :

Livro I: O romancista entra *in medias res*. No cenário maravilhoso de Sintra, põe, em presença um do outro, o seu herói e a sua heroína: Luís de Camões e Catarina de Ataíde ⁽¹⁾. É um diálogo-abertura, em que todos os «leit-motifs» da obra são entoados: o clima e o carácter português, a predisposição para o amor e para a sede de aventuras; a estrutura da sociedade que obriga o amoroso a partir para as Índias, a fim de fazer esquecer a sua pobreza ⁽²⁾, a sua família que não vale a da sua bem-amada. Catarina

tes alemãs do romance, da magistral monografia de F. Papp, *Baró Kemény Zsigmond*, Budapest, Academia Húngara, 1922.

(1) No original, Catharina de Atayde.

(2) Kemény exagera a insuficiência da família de Camões. Ela era de estirpe elevada; mas o poeta pertencia a um ramo segundo, que era muito menos desafogado que a família de Catarina.

confessa o seu amor por Luís de Camões, e promete esperá-lo. Enquanto Luís e Catarina se nos apresentam no diálogo (1), apenas se alude à terceira personagem principal do romance: D. Pedro Girão, o realista (cap. I). Depois da justificação do estado dos espíritos em Portugal, no ano de 1544 (cap. II), eis agora um diálogo entre D. Pedro e Luís. Pedro expõe a sua filosofia da vida, completamente oposta ao idealismo do seu jovem amigo, e quando descobre a causa da paixão deste, acelera a partida do seu rival. Não porque ame Catarina, mas porque tem necessidade da sua mão, que faz parte do seu plano de vida, hàbilmente calculado (cap. III).

Luís vagueia através de uma região silenciosa, que forma contraste com o seu estado de alma (cap. IV) (2). Chegado perto do Mosteiro de Mafra (*), ouve cantar uma romança: a da resignação (3). E' obra de D. Fernando, que envergou o hábito dos monges, mais por comodidade do que por desprendimento da vida. Expõe as suas ideias, numa discussão com o seu amigo D. João, que aprendeu na Provença a arte de fazer vibrar as cordas do alaúde (cap. V). O canto desperta na alma de Camões o seu amor à poesia, abandonada desde a sua primeira juventude. A inspiração comove-o, e o plano dos *Lusiadas* surge numa visão interior (cap. VI) (4).

Catarina volta à cõrte (cap. VIII) e sujeita-se a

(1) Ver nas págs 28-31 um longo extracto desta cena.

(2) Cf. a nossa tradução, pág. 35.

(3) Ritmada segundo uma música muito particular, desconhecida no resto da literatura húngara, esta romança toma a sua inspiração na mágica, favorecida tanto pelo próprio Camões (por exemplo, no Canto IX dos *Lusiadas*) como pelo romantismo alemão. Cf. também *La Fée et la Péri*, do jovem Hugo.

(4) V. o extracto traduzido, págs. 33-34.

(*) Neste ponto há um flagrante anacronismo, considerando-se o Mosteiro de Mafra contemporâneo de Camões. A primeira pedra do Mosteiro foi lançada em 17 de Novembro de 1717. Em 22 de Outubro de 1730 foi a sagração da Igreja, mas ainda longe de concluído o Mosteiro. Posto que a veracidade histórica seja aqui falseada, o anacronismo pode desculpar-se, atendendo apenas ao efeito dramático que o autor pretendia alcançar, numa obra romântica assente em grande parte em mera ficção.

sofrer as censuras de sua mãe, compenetrada de que "assim como a raiz de uma planta mergulha no solo, também a nossa glória brota da poeira dos antepassados; e de que o espírito, de uma estrutura demasiado delicada, carecendo portanto de peso para fazer inclinar a balança para o seu lado, não pode ser lançado nela" (cap. IX). Após o auge da felicidade atingido na primeira cena, tudo nos prepara agora uma mudança para o pior...

Livro II: Vinte anos são passados depois dos acontecimentos narrados no primeiro livro. Alguns navios naufragam muito perto do porto de Lisboa. Um sobrevivente da nau *Santa Fé* (*) abandona a bordo o seu cofre cheio de riquezas, mas salva o seu escravo negro (1) e um rolo de pergaminho. Este não contém títulos, nem cartas de nobreza, nem cartas de amor, mas apenas versos... (cap. I). Depois de uma descrição característica da cidade de Lisboa no tempo de Camões (2), o autor apresenta-nos um diálogo entre Catarina, já esposa de D. Pedro Girão, e seu sobrinho Rodrigo, em que este último tem o ensejo de contar as façanhas e sofrimentos de um simples voluntário do exército expedicionário: é o poeta dos *Lusíadas*, recomendado ao rei D. Sebastião pelo cónego Fernando. O Grande Inquisidor, que outro não é senão o antigo amigo de Fernando, D. João, combate o entusiasmo desvanecido de Fernando na apreciação do poeta e da poesia. Catarina, que reconheceu, no desconhecido a que se referiam, o seu antigo noivo, retira-se precipitadamente... (cap. II). Passa a noite em claro, e sente remorsos (cap. III). Escreve ao có-

(1) Era indiano, segundo a tradição portuguesa.

(2) V. o nosso extracto traduzido, pág. 38.

(*) Kemény faz naufragar o Poeta junto do porto de Lisboa. Camões regressou, de facto, a Lisboa, em 7 de Abril de 1570, na nau *Santa Fé*, que trazia para Portugal o Vice-Rei D. Antão de Noronha. Não foi porém nessa nau, nem no porto de Lisboa, que o poeta naufragou, mas sim no Oriente, em uns baixios afastados da foz do rio Mecom, quando voltava da China, o que aliás não quer dizer que fosse de Macau, como afirmam alguns camonistas.

nego Fernando, e este (cap. IV) confirma a sua suspeita: o desconhecido é, na verdade, Luís de Camões. E aqui surge outra divagação intercalada na narrativa: Fernando serve-se de um conto de fadas ⁽¹⁾ para exprimir a sua dor, mesclada de entusiasmo pela leitura da nova obra-prima: — ¿valerá a pena fazer versos, havendo um Camões, especialmente depois do canto profético da Ninfa, e dos oito versos da 9.^a estrofe do último canto, que Kemény cita, numa bela variante em prosa? E' ao contraste entre o seu temperamento e o do Grande Inquisidor que Fernando atribui a oposição de D. João ao reconhecimento do mérito de Camões, como poeta nacional (cap. IV).

O capítulo seguinte (V) é consagrado à decadência de Portugal, que o autor compara à do seu próprio país, depois da batalha de Mohács.

Após uma análise muito pormenorizada dos estados de alma dos dois esposos, Catarina e Pedro, o autor descreve-nos o declínio de Catarina (cap. VI), a frieza do seu coração em paralelo com a decadência política. Ela queima todas as cartas de Luís, excepto aquela em que ele lhe tinha assegurado a sua partida para as Índias e prometido voltar com o seu amor intacto.

Livro III: Preparativos de guerra do rei D. Sebastião contra o sultão de Marrocos. Parte cheio de confiança, aumentada ainda pela adulação dos seus conselheiros (cap. I). Depois da largada do exército, Catarina recebe uma nova carta de Fernando. Este procurara o poeta, até que finalmente o encontra na casa dos alienados, onde o grande Camões era conhecido apenas por um número ⁽²⁾: era o 87. Tendo-lhe o rei concedido a pensão anual de 25 escudos, com a condição de não publicar a sua obra, o poeta rasga o

⁽¹⁾ Os duendes que vivem na casa de um avaro, querem recompensar o seu silencioso amo, mostrando-lhe o tesouro do rei das minas. Mas esta visão maravilhosa mata o avaro, que até então havia julgado possuir também um grande tesouro... Cf. ainda a novela da Condessa Júlia, reeditada por Jókai no seu *Decameron*.

⁽²⁾ Pormenor extraído do *Camões* de Fr. Halm. Ver adiante pág. 16.

diploma da doação, guardando sòmente, «como um talismã contra a sede de glória e contra os sonhos alucinados», o final do documento, que encerra uma crítica condenando os *Lusíadas*. Enclausuraram-no entre os loucos, com receio de que ele insultasse a majestade real. . . E Fernando lança ao fogo as colecções das suas poesias. . . (cap. II). Esta carta exerce sobre Catarina uma influência oposta à da primeira: o devaneio é substituído por um desejo de acção (1). Mas o espelho mostra-lhe que ela já deixou de ser uma jovem (cap. III).

Outra carta — esta de Rodrigo, enviada de África — narra as occupações e passatempos do exército português em Arzila, fazendo pressentir a catástrofe que se aproxima. Kemény resume ainda uma nova carta, menos cavalheiresca — de um médico fleugmático, dirigida a D. Pedro — que contrapõe observações mais realistas ao quadro pintado pelo tafulo amoroso. Estamos na véspera da partida de D. Sebastião para Larache (cap. IV). Catarina nada compreende da carta do seu último gentil-homem: não pensa senão no amor e no arrependimento. Pedro Girão, por seu lado, começa adulando o provável sucessor do jovem rei votado à perdição . . . (cap. V). E o livro fecha com uma cena de efeito rápido, como um relâmpago: Catarina desmaia ao ouvir o escravo negro de Luís pedir esmola para o autor dos *Lusíadas* (cap. VI).

Livro IV: O autor retarda ainda a notícia da catástrofe nacional, que será ao mesmo tempo a do seu herói. Depois de salientar os contrastes de Lisboa, eis a cena que faltava: o encontro entre Luís e Catarina. O poeta não reconhece a sua bem amada ou, antes, reconhece o que ela é na realidade. A conversação deles é completada pelo diálogo desta mulher em desespero com o médico judeu, cheio de admiração pelo homem de génio, que é simultâneamente o mais bondoso dos homens. As profecias do médico reanimam do torpor o moribundo. Ele reconhece

(1) Análise delicadíssima de sentimentos contraditórios (página 282).

então a sua Catarina, suplica-lhe que destrua os *Lusiadas*, e não sobrevive ao desastre da sua pátria (cap. I). Um curto capítulo relata os acontecimentos de Africa, a morte de dois soberanos (cap. II); um outro, as consequências da derrota no continente (cap. III). Catarina e Fernando levantam um monumento simples sobre a jazida de Camões. O cónego mergulha no mundo dos sonhos, suscitados pelo grande poema, e Catarina começa a sua expiação. Nomeado governador por Filipe II de Espanha, D. Pedro Girão morre de morte repentina (cap. IV).

Depois da morte de Catarina, o fiel negro de Camões chora sobre o túmulo do seu senhor. Muita gente do povo conhece o escravo, mas pouca conhecia o poeta. «A multidão é como os Argonautas (1), que só depois de terem examinado as baías e medido a profundidade das suas costas marítimas com os chumbos de sondagem, tiveram a coragem de as atravessar.

A multidão ainda não descobriu a bússola do mundo moral, que nos orienta nos domínios onde a simples vista, armada ou desarmada, se perde sempre.

Como poderia essa multidão sondar, no século XVI, o oceano ilimitado e profundo da paixão de um poeta, os seus tesouros de coral e de pérolas?

Ela compreendeu os sentimentos e os sacrifícios de um escravo.

Era muito, era bastante da sua parte».

A fortuna e as extensas propriedades de Catarina passaram para a posse de seu sobrinho Rodrigo (2).

*

O editor do manuscrito de Kemény fez seguras investigações a respeito das fontes prováveis da *Vida e Sonho*. Menciona especialmente um artigo aparecido na revista «Nemzeti Társalkodó» (1836), o conto de Ludwig Tieck — *Der Tod des Dichters* (1833), e o drama *Camoens* (1837), de Friedrich Halm, que foi

(1) A tripulação de Vasco da Gama é comparada aos Argonautas, no poema de Camões.

(2) Pág. 320. Fim do romance. O Apêndice, que ficou incompleto, nada acrescenta ao assunto. É o começo de uma contaplação dialéctica da realidade e do sonho.

um cultor do drama espanhol (1). Mas, ao passo que, entre essas obras e o romance de Kemény, não encontram-se alguns pontos de contacto, contrabalançados pela diferença pronunciada da concepção geral, julga dever insistir na semelhança do assunto e da tese do romancista húngaro com o *Torquato Tasso* de Goethe, sobretudo pelo estudo do antagonismo entre um poeta inspirado e um sensato homem de Estado, e pela análise dos sofrimentos resultantes do amor do poeta a uma dama em posição mais elevada que a dele, na escala social. Se Kemény, ao ler Tieck e Halm, podia sentir logo a atracção pela personalidade de Camões, seria contudo o *Tasso* de Goethe que devia contribuir para aumentar a tensão em volta do seu herói, dar a este um rival, Pedro Girão (2), e uma bem amada, um pouco menos inacessível que a própria irmã do soberano, na tragédia de Goethe.

Pela pena do psicólogo realista que é Kemény, D. Pedro converte-se num amigo muito menos solícito do que António, e Catarina é muito mais mulher que a Eleonora, um pouco etérea, de Goethe. António e Eleonora fazem tudo quanto lhes é humanamente possível para que Tasso se sinta feliz; verdadeiramente, não é por culpa deles que a sua boa vontade se quebra de encontro à sensibilidade excessiva do homem de génio...

Ao contrário, Pedro faz todo o possível por se desembaraçar do amigo, tornado seu rival, e Catarina nada se esforça por manter o seu juramento de fidelidade; o único erro de Camões consiste em ter confiado neles. A sensibilidade, a vaidade que imprimem ao Tasso de Goethe alguns defeitos relativos, ainda que característicos, não atingem, por um só momento, o carácter de Camões, que é o de um idealista ingénuo e másculo. E' certo que Kemény se identifica mais

(1) Cf. H. Schneider, *Fr. Halm und das spanische Drama*, 1909. Em Viena, em cuja Universidade Kemény estudava, pôde ele travar conhecimento com essas obras e entrar em contacto com o romantismo alemão. Cf. F. Papp, edição cit., págs. 59 e segs., e monografia citada, tomo I, págs. 248 e segs.

(2) Corresponde, segundo Papp, a D. Pedro Girão, agente diplomático de Filipe II junto da sua parentela portuguesa.

completamente com o seu herói do que Goethe. Especialmente no que se refere às relações do poeta com a sua amada, ele julga-as através das suas relações pessoais cheias de decepções, com a condessa Otília Wass.

Fatalidade estranha: Camões morre a seguir ao desastre da cruzada que ele próprio prègara ⁽¹⁾; Tasso, desta vez o Tasso da história e não o de Goethe, não acaricia outro sonho senão o de ver o seu príncipe à frente de uma cruzada, para a qual não cessa de incitar o suposto filho de Renaud. Num, o amor, estranho à jornada heróica, coroa sòmente a obra realizada; e mesmo esse amor, é ainda um amor fugidio, quase simbólico ⁽²⁾, apesar do ardor dos primeiros momentos; no outro, o amor relega muitas vezes para o último plano a obra da conquista, não sòmente como processo de retardamento, tradicional na epopeia, mas também como tema predilecto de um grande poeta épico, que, acima de tudo, é um poeta do amor, um elegíaco sob o arnez de ouro.

Abstraindo da História de Portugal, que Kemény devia ter folheado com proveito ⁽³⁾, ele dispunha ainda de outras fontes, e talvez mais decisivas do que as obras dos românticos alemães: referimo-nos ao *Camões*, de Almeida Garrett, e aos próprios *Lusiadas*.

Quanto ao primeiro, o seu assunto coincide nalguns pontos essenciais com a segunda parte (livros II a IV) da *Vida e Sonho*: Camões regressa ao seu país com o manuscrito concluído, e com o seu escravo "Jau", *sem naufragar no porto*. No mosteiro, onde o acolhe Frei José, assiste aos funerais da sua *fiel* Natércia, a mulher que lhe legou o retrato em sinal de suprema dedicação ⁽⁴⁾. Encontra um protector junto

(1) Fim dos *Lusiadas*.

(2) A cena das Ninfas. — Cf. *Lus.*, X, 143 e, sobretudo, IX, 89.

(3) Não sem tomar suas liberdades perante ela, quando o carácter do seu Camões ou o interesse da composição o exigem. Ver Papp, ed. citada, pág. 58. A morte do Rei D. Sebastião é dada, no romance húngaro, com uma antecipação de quatro anos; a de Camões, de seis anos. A publicação dos *Lusiadas* indica-se como póstuma; etc.

(4) Sobre o carácter ideal do amor de Camões, diz Fidelino de Figueiredo, na sua magistral *História literária de Portugal*,

do rei, uma espécie de D. Fernando, na pessoa de D. Aleixo de Meneses, que lhe proporciona a honra de poder ler os seus *Lusíadas* perante o rei D. Sebastião. Depois do seu protector cair em desagrado, e a seguir à derrota do rei, morre na miséria e no esquecimento, tendo vivido algum tempo das esmolas recolhidas pelo seu dedicado escravo (1).

As diferenças reduzem-se, em grande parte, à divergência natural entre o romântico apaixonado e o psicólogo realista. Daí a diversidade concedida ao carácter da mulher amada, que, em Almeida Garrett, tem de morrer, a fim de contribuir para o desfecho trágico da obra, ao passo que, em Kemény, pode sobreviver ao poeta, porque a infidelidade dela, a sua fraqueza, fizeram-no, de uma vez para sempre, infeliz, no seu regresso. No romântico português, é Camões que tem de chorar sobre o cadáver da sua bem amada; no romântico húngaro, cabe a Catarina expiar algo do seu pecado, pelas emoções tristes que a sacodem, junto da cabeceira de Camões moribundo.

Daí também a diversidade de atitudes de D. Sebastião, que não recompensa o herói do romance de Kemény senão levado por considerações políticas, tornando além disso inaceitável essa recompensa, pela condição que estipula, sob a influência do seu conselheiro; enquanto que, segundo Garrett, ele compraz-se em ouvir a leitura dos *Lusíadas*, e só renuncia à satisfação de ser o mecenas do Poeta por motivos de ordem pessoal. Tanto no poema como no romance, Camões encontra sempre um auxílio na pessoa de um idealista (D. Aleixo, D. Fernando), cuja protecção entusiasta afinal nada lhe aproveita. Se Garrett foi, na realidade, um dos inspiradores de Kemény, parece ter este desdobrado a personagem de D. Aleixo para dela fazer: 1.º — um defensor generoso da poesia (D. Fernando), junto do soberano; 2.º — um rival, ou vários rivais

Coimbra, Nobel, 1944, pág. 154: «Quem sabe se aquela Natércia dos seus versos (Natércia, anagrama de Caterina) é apenas um símbolo ideal, a que o poeta dirigia todos os seus sonhos de amor platónico, absolutamente puro, essência lógica?»

(1) As palavras retro, em itálico, destacam as divergências, em presença das coincidências.

(D. Pedro; Tendilla, o trovador espanhol; D. Rodrigo), dando a cada um sua fisionomia espiritual própria.

Todavia, a influência mais fecunda e mais significativa sobre um romance consagrado ao poeta dos *Lusíadas* foi—a dos próprios *Lusíadas*. Kemény confia a Fernando, também poeta, o elogio da obra prima; através deste porta-voz complacente, manifesta o seu próprio entusiasmo pela obra de Camões. Tinha absoluta razão. Nas «vidas romanceadas» dos poetas, por demais se esquece muitas vezes que, acima de tudo, está, na sua obra, o artista, e que os pequenos episódios da sua existência não devem interessar-nos senão na medida em que esclarecem essa mesma obra. De resto, a prova de que ele conhecia os *Lusíadas* está literalmente confirmada por uma nota de Kemény (*Lusíadas*, canto III), no pé de uma página, que contém uma citação de versos: (Lisboa), «pérola de todas as zonas e rainha dos mares» ⁽¹⁾, e pelo resumo de uma estrofe que Kemény, pela boca de D. Fernando, acha especialmente digna de ser considerada a mais pessoal, e sem dúvida a mais comovente do grande poema, e, por essa mesma razão, de especial interesse para o próprio romancista, como auto-biógrafo:

Vão os anos descendo, e já do Estio
 Há pouco que passar até o Outono;
 A Fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual já não me jacto, nem me abono;
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento, e eterno sono.
 Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha
 Das Musas, co' o que quero à nação minha. ⁽²⁾

D. Fernando escreve a Catarina transmitindo impressões que o tinham dominado na leitura dos fragmentos do poema, caídos entre as suas mãos. Folheando-os, deu com o Canto X, onde «as ninfas

(1) Citação pouco exacta. No original:

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
 Fácilmente das outras és princesa

(III, 57)

(2) X, 9. A tradução é uma transcrição muito livre.

contam, segundo os sonhos vistos por Proteu, os segredos do céu e o futuro de Portugal”:

— “Se vós começasseis a ler, Senhora, o admirável desfecho da obra gigantesca do poeta, naquele passo em que os companheiros de armas do Gama se assentam em cadeiras de cristal, a ninfa toma da harpa, e o sopro dos ventos pára, enquanto um murmúrio de volúpia vibra sobre a crista das ondas; em que os monstros marinhos, atraídos das suas profundezas, descansam sobre os rochedos as cabeças ébrias de sons... , sentiríeis então esvoaçar em torno de vós, a cada toada do canto, a cada ondulação das rimas, as delícias da fantasia, dos sentimentos sem tormenta e dos recolhimentos sagrados...” (1).

Para o fim do romance (2) surgem novas impressões de leitura do bravo Fernando, que “se perdia pelos campos cor de esmeralda da poesia, quando já o Duque de Alba se preparava para assolar as terras cultivadas de Colares e de Sintra. Via o leito de morte de Inês, via a sua palidez e o beija-mão de homenagem dos cortesãos, no momento em que os grandes sem alma renegaram a pátria, e, sobre o seu ataúde, proclamaram Filipe II rei de Portugal. Ouviu o sinal do descobrimento a bordo da nau do Gama; viu chegar o navegador heróico, no meio do troar dos canhões, às Índias Orientais, no momento em que o Marquês de Santa Cruz se preparava para sitiar Belém, e enterrar o brilhante passado de Portugal sob as paredes arruinadas desse convento”.

Estas traduções do texto de Kemény, posto que imperfeitas, dão uma ideia da fecundação da sua fantasia pela de Camões (3). Este incita o seu admirador, distante no tempo e no espaço, a emancipar a sua imaginação e o seu estilo. Passagens como a descrição do palácio submarino de Neptuno (VI, 8-13) ou a visão do universo cósmico como uma jóia maravi-

(1) Kemény, ed. citada, págs. 243-244. Cf. *Lus.*, X, 6.

(2) Pág. 318.

(3) A semelhança fonética dos dois nomes (Camões, Kemény) não influiria, de certo modo, no jovem romancista, sedento de glória, para a escolha do objecto do seu entusiasmo?

lhosa (X, 87-88) eram de natureza a inundar a paleta do pintor de cores deslumbrantes e de cambiantes delicados e irizados (1). Esse estilo mantê-lo-á um pouco o escritor, até o apogeu da sua carreira de verdadeiro realista.

Pois não é Camões também, por sua vez, um realista entre os poetas épicos? Não foi ele o primeiro a escolher como herói um conquistador, cujos intuitos são, em parte, francamente económicos (2)? Não consagrou duas terças partes da sua obra à geografia e à história, isto é, à verdade simples, que deve a sua incandescência poética apenas ao próprio heroísmo, e ao próprio génio do poeta?

A verdade, que eu conto, nua e pura,
Vence toda grandiloqua escritura!

— diz Vasco da Gama, não sem altivez, ao samorim hesitante (3). Veloso prefere também a narrativa dos feitos de armas realizados, cuja memória tempera a alma, aos contos joviais do amor (4). E' que o heroísmo do navegador tem de permanecer em ligação muito íntima com a realidade dos elementos e dos acasos, visto que a sua ânsia de engrandecimento da religião e da pátria se alimenta também das seivas, mais materiais, das pedrarias preciosas e das especiarias cubiçadas (5); a glória confunde-se com a profissão.

Todavia, a influência dos *Lusíadas* manifesta-se sobretudo na concepção sublime e trágica da sorte do poeta na sociedade e no seio da nação. O próprio Camões não hesita em abordar essa questão, que lhe

(1) Cf., por exemplo, o estilo desta descrição: «Catarina, no sofá, apoiava a cabeça sobre o braço direito. Um feixe de raios penetrava pela abertura estreita do cortinado; parecia àquela mulher que a sua vibração se encontrava *enlanguescida*, e que havia nele *poeiras luminosas, pálidas e melancólicas*», etc. (pág. 237).

(2) Sobre estes motivos, ver o trecho citado a pág. 26.

(3) *Lus.*, V, 89.

(4) *Lus.*, VI, 41.

(5) Veja-se ainda o discurso do Velho do Restelo contra a ambição, no momento da partida de Gama (*Lus.*, fim do Canto IV), e também a discussão de Catarina e Rodrigo, em Kemény (págs. 226 e segs.) sobre os motivos das conquistas.

é dilecta. Ele vê, por um lado, a grandeza incomparável da missão e da dignidade do poeta ⁽¹⁾, desconhecidas dos simples mortais, incluindo os descendentes de um Gama, que crêem poder prescindir dos versos que consagraram a indiscutível glória do seu antepassado ⁽²⁾.

A poesia dispõe da glória, mas não traz a felicidade:

Este receberá, plácido e brando,
No seu regaço os Cantos que molhados
Vem do naufrágio triste e miserando,
Dos procelosos baixos escapados,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquele cuja Lira sonora
Será mais afamada que ditosa.

(X, 128)

De todos os passos que, na *Vida e Sonho*, celebram a importância do poeta, salientaremos aqui a alusão alegórica à ave de ouro, cuja imagem, inspirada talvez nos *Lusíadas* ⁽³⁾, e desenvolvida ⁽⁴⁾, simboliza o poeta: — é o Sono do Condor, «avant la lettre»:

«Aqueles que permaneceram muito tempo no Oriente, conhecem a ave de ouro. Enquanto as outras aves descem, ao pôr do sol, a ocultar-se nos maciços de verdura, rescendentes a especiarias, e invadem as copas das romãzeiras e das laranjeiras, a ave de ouro esvoaça

(1) V, 99 e passim. Os próprios deuses podem dever-lhe a sua existência:

Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano.
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome nosso
Nestas estrelas pôs o engenho vosso.

(X, 82)

(2) Ibidem.

(3) X, 132.

(4) Em *Camões*, dois versos bastam para caracterizar essa ave exótica:

Aqui há as áureas aves, que não decem
Nunca à terra e só mortas aparecem.

(X, 132)

sobre nós, com grande rapidez, aguardando sem repouso horas mais tardias; mal a lua desvendou seu rosto de fada e teceu de prata o horizonte, ela bate as asas, sobe como uma flecha, e lá, onde os nossos olhos a não podem já seguir, deixa-se pairar nas alturas diáfanas, dormitando assim (1). Tal é o poeta; a sua paixão é o ideal e não a volúpia; o seu castelo de sonho é o céu. Esse cavaleiro inominado (Camões)..., depois de ter percorrido os mares e os domínios que os nossos antepassados haviam descoberto e conquistado, na época mais brilhante da nossa história; depois de ter combatido em regiões diversas, no Cabo, em sendas e barrancos onde outrora eles haviam também combatido; depois de ter lutado com temeridade, e sacrificado tudo, coberto de feridas, mas tão esquecido como o mais valente de entre eles, Pacheco, herói e prisioneiro — esse cavaleiro sem nome retirou-se igualmente, depois das provações e dos sofrimentos da guerra contra os corsários mouros, para as grutas de Ormuz (*) (não se recolheram os nossos videntes ao deserto?), a fim de terminar a sua grande epopeia no silêncio fecundo da solidão" (2).

O isolamento do poeta de génio, culminante na poesia romântica, e designadamente na obra de Vigny, só contribui para realçar a sua glória. Essa glória põe-na Kemény acima da dos grandes políticos (3), e mesmo da dos heróis como D. Manuel, Albuquerque e o Gama (4).

E' ainda o poeta quem deve colocar um espelho diante da sua querida pátria, exaltar-lhe as aspirações nobres e revelar-lhe os defeitos que comprometeriam o seu êxito. Uma estrofe dos *Lusíadas* paga o tributo de Camões — aliás tão versado na arte do soneto e

(1) Cf. o fim do poema de Leconte de Lisle.

(2) Kemény, págs. 233 e segs.

(3) Cf. *Journal d'un directeur de journal*, ed. cit., pág. 342.

(4) *Vida e Sonho*, pág. 276.

(*) Lapso do autor, que pretenderia naturalmente referir-se à célebre *Gruta de Macau*, onde se diz que o épico compôs alguns cantos dos *Lusíadas*, posto que a estada de Camões em Macau seja também dada como duvidosa, ou mesmo refutada, por camonistas autorizados.

das ternas elegias — o tributo ao amor ⁽¹⁾, que é uma das paixões que conduzem os descobridores do mundo; o milagre da coragem, tão característico desse pequeno povo ⁽²⁾, a confiança na vida e na sua boa estrela — «Só conduzidos de árduas esperanças» ⁽³⁾ —, a tenacidade e a resistência indispensáveis ao conquistador que se propôs atingir um alvo na aparência desmedido — eis as qualidades da nação portuguesa, que contribuíram para a fundação do seu império na Ásia, na África e na América. Quanto aos excessos e defeitos, mais humanos que nacionais, deles se ocupam os dois autores, ansiosos por decifrar o enigma histórico do Portugal do século XVI. O poeta dos *Lusiadas* ⁽⁴⁾ louva a «humildade» da sua nação, que ele não julga incompatível com a *ambição* ⁽⁵⁾. Ambição que se compõe de sede de glória pessoal e nacional, mas também do desejo, mais real, de atingir uma posição e de alcançar riquezas. A ambição «de fazer de Lisboa nova Roma» ⁽⁶⁾, mas também de juntar abundância de bens e louros bastantes, para merecer uma situação, uma recompensa e uma noiva como Catarina de Ataíde.

Eis uma passagem característica da *Vida e Sonho*, um trecho do começo. E' um programa completo — o de uma nação embriagada pela música de uma sorte excepcional, e o de um homem superior que, colocado perante o grave problema da sua própria existência, resolve, no meio de tantos jogadores afortunados, experimentar também a sua sorte:

«Há nações que, muitas vezes, alcançam a glória por uma espécie de acção antecipada. Uma ideia torna-se contagiosa, conquista todas as inclinações, prende a si todas as paixões, e uma nova época começa. Aparecem então no horizonte grandes vultos, constituindo um grupo compacto, conduzido, como as

(1) *Lus.*, IV, 91, adeuses da esposa ao «doce e amado esposo».

(2) Por exemplo *Lus.*, X, 20.

(3) V, 66.

(4) VII, 2-3.

(5) Cf. as palavras de D. Manuel I ao Gama, e a resposta deste: *Lus.*, IV, 78-79.

(6) VI, 7.

aves migradoras, por um instinto comum para o mesmo destino. Na frente deles, e atrás deles, o céu está deserto. Foi o caso de Portugal. D. João I quer armar cavaleiro a Henrique; a fim de dar maior imponência à solenidade, realiza-se a primeira empresa aventureira: a conquista de Ceuta. Motivo característico, no limiar desta época romanesca. Henrique senta-se no *Promontorium Sacrum* dos tempos remotos, isto é, no Cabo de S. Vicente, (*) e enquanto sob os seus pés o solo era açoitado pelas vagas e os seus cabelos adejavam ao vento, os olhos cansavam-se de fitar os sorvedouros do mar agitado, e os seus pensamentos buscavam ignotas praias. Sonhava um continente novo. Nesta directriz foi dada uma orientação ao espírito e às energias da nação. A conquista do mar foi a sua divisa. Ceuta foi o primeiro troço desta cadeia tão longa, cujo primeiro elo os navegadores portugueses prenderam aos cumes de África, e cujo último, esse de ouro, prenderam ao paraíso das Índias.

Todo um século se enchia de empresas jamais conhecidas. O que o desejo concebera, o que a esperança havia colorido e o que uma vontade de ferro exigira, como coisa sua — mesmo que fosse destituído de bom senso, ou extraordinariamente romanesco — realizava-o a sorte, com seus mil caprichos.

Como se, no tálamo de vagas do mar, cada ano novas ilhas fossem concebidas, um pobre aventureiro reuniu alguns troncos, içou umas cordas, suspendeu-lhes um pedaço de pano à guisa de vela, para entregar aos ventos os seus anseios e o seu navio; e se a esperança conseguiu encontrar um ponto de apoio, e se a ancora achou finalmente um fundo onde cravar suas garras, o aventureiro enxuga os olhos para ver melhor, lança o grito da "descoberta", e a nova ilha surge como se fora erguida por mãos de fadas. — "Eu, o vice-rei, ocupo esta ilha em nome do rei cristão",

(*) Seria preferível evocar a figura do Infante deambulando pela região de Sagres, num ambiente mais justo, onde D. Henrique assentara a sua residência, na chamada Vila do Infante, e não pelo Cabo de S. Vicente.

diz ele; e, dentro de alguns anos, vê os seus ombros revestidos de púrpura. E, ainda que o berço do filho de camponeses tivesse sido embalado numa cabana, vereis as suas cinzas encerradas num ataúde de prata, sob abóbadas de mármore, porque a espada e a cruz tudo nivelaram, tudo alcançaram.

Daí mil ansiedades e desesperos inúmeros, porque todos desejariam ser grandes e bem poucos o conseguiriam ser.

Contudo, o êxtase permanente, o jogo contínuo da sorte com o futuro, não estão na natureza do homem.

Não se pode manter por longo tempo o corpo de um povo num estado de excitação febril.

Em breve se apartam os indivíduos segundo os seus temperamentos: enquanto nalguns a tensão persiste, no maior número surge o desinteresse, para desenvolver esse espírito de mediocridade que, sem princípios nem paixão, se adapta ao presente, e, semelhante a uma sanguessuga, fica suspenso de cada instante, sorvendo nele o seu alimento; é impassível e egoísta; tem impulsos sem paixão, ambições sem um objectivo grandioso; será célebre, por assim dizer, espontâneamente; será apreciado e respeitado, sem motivo nem acções que o justifiquem.

Eis alguns contornos do quadro moral de Portugal, na época em que a nossa descrição colocou o leitor" (1).

Noutro passo, um pouco adiante, Luís de Camões explica a Catarina o programa sentimental dos navegadores:

“Sobre o mar, Catarina, reina uma grande animação, como se, de alguns anos a esta parte, as ondas fossem mais agitadas, os abismos mais profundos! O elemento líquido, desenfreado, não suporta no dorso senão um cavaleiro a toda a prova. E’ Portugal, agora, a querer submetê-lo à sua vontade; mas o oceano debate-se com um ardor obstinado, a fim de lançar fora da sela o lutador temerário. Os naufrágios são constantes, e ainda há pouco fomos testemunhas de accidentes capazes de cortar o coração.

(1) *Vida e Sonho*, livro I, cap. II.

Catarina ouvia estas palavras de Luís com a sensação do terror, enquanto os dois descansavam debaixo de um caramanchão de folhagem, aberto para o lado do horizonte limitado pelo mar.

— Para quê, também, essa sede de aventuras arriscadas, confiando às incertezas da história todo o tesouro de uma existência? A mulher limita-se a um círculo restrito, e compreende talvez melhor o seu destino, por isso mesmo que não reflecte nele (1).

— Nos domínios onde a razão se perderia — responde Luís com voz melancólica — reina o pressentimento, que não é outra coisa senão o raciocínio de Deus, percebido por aqueles que são demasiado fracos para reterem a conexão das grandes ideias e as exporem pelo raciocínio. Eu, como a ave migradora, sinto-me atraído para estranhas paragens por um desejo invencível.

Catarina empalideceu, sem bem saber porquê.

Numa semi-inconsciência, Luís tomou a mão da donzela.

— Eu tenho sentimentos — diz ele — como toda a gente os tem; os meus desejos são temerários como os dos outros, e a minha família não brilha entre os *fidalgos*. Os meus créditos sobre o futuro são imensos; as minhas probabilidades bem modestas. Mas não vacilo. O que o meu desejo fixou, há-de a minha vontade esforçar-se por conquistá-lo. Antes atirar ao mar o precioso tesouro — direi como qualquer orgulhoso mercador — do que deixá-lo à sorte de um lucro indigno dele.

... Nós veneramos, como uma relíquia, um dedo do Conde de Viana (*) — continuou o mancebo, exci-

(1) Cf. o fim do Canto IV dos *Lusíadas*, e o fim da *Tragédia do homem*, de Emeric Madách, 1861.

(*) D. Duarte de Meneses, 3.º Conde de Viana, Governador de Alcácer-Ceguer, foi morto em Marrocos, em Março de 1464, quando defendia valorosamente a rectaguarda da hoste de D. Afonso V, na retirada de uma expedição mal sucedida à Serra de Benacofú. D. Isabel de Castro, sua mulher, mandou erigir na Capela das Almas do mosteiro dos Franciscanos, em Santarém, um sumptuoso cenotáfio, e dentro dele fez depositar, encerrado num pequeno cofre de madeira, um dente que conservava de seu marido, visto ter sido impossível recolher a mínima parcela dos des-

tado — porque ele puxava muitas vezes da sua espada tinta na púrpura do sangue. ¿ Por que se há-de desprezar a minha mão... — e a voz de Luís tornara-se patética — se ela, cobrindo-se de glória, pedir em recompensa uma outra mão, tendo, antes disso, conquistado um coração?

Catarina, com o peito oprimido, nada dizia.

— E então, quantas delícias dimanam de uma existência sempre exposta à morte! Durante anos, ninguém sabe do mancebo perdido — ninguém tem notícias dele, nem o seu melhor amigo, nem a sua bem amada. Por fim, à hora de um crepúsculo bem suave — e a tarde é cheia de volúpia! — um estranho surge no porto. O seu rosto está queimado, quase irreconhecível. Ele poderia enganar-se em todas as ruas, menos numa certa vereda. As recordações do passado ensinam-lhe o caminho. A' porta de casa espera uma virgem, a virgem querida; diferente sem dúvida do que era outrora — o tempo transformamos — e contudo mais bela do que nunca. O mancebo teria podido trazer-lhe um precioso tesouro — porque não? —, se ele repousara tantas vezes nas margens da ilha de Barém, onde o leito das águas está coberto de um tapete de pérolas (1); mas, para quê emprestar essa falsa luz à sua bem amada, se ela é a jóia mais preciosa da natureza? E seu pai, rico, cheio de orgulhos de família, dobra-se perante a glória, as aventuras, atraentes, como o som do alaúde, e uma infinidade de

pojos mortais do esforçado cavaleiro trucidado pelos mouros. O riquíssimo túmulo gótico, de pedra calcárea, com a estátua jacente do herói, foi transferido em Janeiro de 1889 do Convento de S. Francisco para o Museu Municipal de Santarém, instalado na nave da Igreja de S. João de Alporão. Este túmulo é um dos mais belos monumentos funerários portugueses do séc. XV. Aberto na ocasião da sua remoção para o Museu, lá foi encontrado, dentro, o pequenino escrínio de fechos de cobre, revestido de couro dourado, e contendo uma inscrição, que a acção do tempo tornou ilegível. É uma preciosa relíquia que o referido museu conserva também. Não se trata, contudo, como se vê, de um *dedo* do Conde — como diz Kemény, pela boca de Camões — mas sim de um *dente*, que D. Duarte havia partido num combate e sua mulher conservara religiosamente.

(Nota da Redacção).

(1) Cf. *Lus.*, X, 41, último verso, e 102.

lendas miraculosas. Depois de um longo repouso, ao fresco do anoitecer, quando as fadigas do dia cessam, junto ao fogão, o peito do mancebo abre-se. Minha querida—e ele tem o direito de chamar assim à aparição deslumbrante, porque ela é já sua noiva — eu vi o vulcão: vi a chama vermelha erguer-se através dos rolos fredientes da fumarada; choviam pedras pelo ar; lá ao fundo, a lava corria; mais ao longe, homens parados olhavam, muito pálidos. Dormi perto de um oásis de esmeralda; por cima de mim, largas folhas de palmeira, e sobre elas um céu sem núvens, de um azul de esmalte. Por entre as hastes de plantas desconhecidas, a brisa da noite murmurava, como a doce voz de uma flauta. Ao despertar, os meus olhos espraivam-se no deserto imenso, semelhante a um tapete amarelo desbotado, que se estendia ante mim, a perder de vista. A' minha esquerda, o crocodilo, à espreita, estendido sobre a junça verde, fixava os olhos de vidro sobre a presa. A' direita, no vértice de uma pirâmide coberta de letras misteriosas, o íbis estendia tranquilamente as suas asas sagradas; nenhum crente ousaria levantar os olhos para ele, e a flecha do peccador não poderia atingi-lo. O' querida minha! Ti-vesses tu experimentado o silêncio perigosamente belo do mar, e o quebrar das suas ondas! A superfície tranquila da água enfada-nos, deprime-nos com seu verde pálido. Os nossos poros ficam de tal modo sedentos de volúpia e de mudança, que o nosso coração pulsa de alegria sob esse desejo. E' então que, sobre o rochedo árido, por entre os ramos de coral, num ninho de pérolas orientais, o rouxinol, esse mago, entoava o seu canto: às suas mágoas chilreantes, o leviatão indolente revolve-se, como uma ilha flutuante; os dedos do marinheiro, enclavinados, abrem-se e o remo escapa-se-lhe da mão entorpecida. Ele é vítima do monstro como igualmente o seria de um mar tempestuoso. Porque os bons preságios precedem muitas vezes um futuro desastroso. E' um belo espectáculo esse, quando a galinhola fatigada bate com as asas contra os mastros. Em seguida, um meteoro; surge uma esfera de chama vermelha. Isso também é belo. Mas a esfera não mergulha no mar, deixando atrás de si um cheiro a enxofre: avança contra a proa do navio, parando aí,

flameja, o seu sopro fala-nos de mistérios futuros, os mais horríveis que se podem imaginar; e, acendendo nos cérebros o terror, a chama extingue-se. Então, o céu tolda-se; o pulmão da corrente de ar abafa; mal respira. Oh! pudesse um tal silêncio, que gela o sangue, durar muito tempo! Entretanto a tempestade faz-se à vela, por sobre as núvens; a cauda do seu manto é um nevoeiro escuro; em seu colo de cisne e sob os seios brancos, brilha o colar de ouro dos relâmpagos; o seu canto tormentoso uiva, através dos abismos adversos. Já não há salvação possível; céu e água pronunciaram o seu veredictum: não mais salvação! Adeus, minha bem amada; que a dor te chegue tarde; não saibas nunca a notícia fatal. E se, não obstante..." (1)

Esta visão, que faz lembrar ao mesmo tempo Luís de Camões e Chateaubriand, tem uma força persuasiva tal, que Catarina não lhe resiste. Sim, ela ama o mancebo cuja imaginação ardente acaba de evocar esses quadros.

— Não tenho fortuna, a minha família não brilha suficientemente! conclui este; em Portugal, contam-se os méritos pelos antepassados.

— O ninho da ave está preso a uma árvore apenas, responde a donzela, por fim corajosa; e não lhe pertence contudo a floresta inteira?"

Réplica muito portuguesa, e razão bastante para que Luís estreite nos seus braços Catarina, que acaba de a pronunciar.

*

Camões é um grande homem, o maior da sua nação, mas de uma grandeza um tanto diferente do tipo comum nessa época, a dos navegadores e dos homens de guerra. Não que ele não seja, também, uma e outra coisa; a sua missão, porém, consiste sobretudo em representar a nação por meio de uma alma excepcional, exprimindo-se pela arte da palavra. «Camões, — diz Fidelino de Figueiredo (2) — a alma mais poderosamente assimiladora e criadora da Re-

(1) Kemény, págs. 197-200.

(2) Op. cit., pág. 154.

nascença portuguesa, e a mais sensível para se identificar com o carácter nacional, com as glórias e com as dores da pátria». Se o seu país tivesse, então, tempo para reflectir e consultar o seu próprio interesse, não seria indiferente aos perigos que corria o mais glorioso dos seus poetas. Mas, como havia a nação de pensar nisso, quando o próprio Camões em tal não reflectia? Em vão o ponderado D. Pedro chama a atenção para a «ingratidão da sua pátria» (1). Às honras do Gama, de Albuquerque — e de quantos outros! — opõe a sorte de Duarte de Almeida (2): Camões não tem que escolher, e é novo bastante para deixar de se tentar pela aventura. Contudo, antes de se lançar nela, encontra, como que por milagre, a sua própria directriz nesta via demasiado larga do destino histórico da nação: era a poesia que haveria de assegurar-lhe a glória, a qual não poderia fugir-lhe tão facilmente como a glória característica da época, a glória dos seus contemporâneos.

Eis as páginas consagradas à concepção da grande ideia:

«Não era a tormenta, cujo vento precursor soprava sobre a crista das montanhas e por cima dos vales, mas antes os movimentos recentes da paixão e os relâmpagos deslumbradores das ideias, à superfície das suas núvens, o que dominava agora no horizonte de Luís. O coração apertava-se-lhe como que ao avivar de recordações há longo tempo esquecidas; e as rimas, de emoções outrora vivas e cantadas na infância, começavam a ressoar, como que repercutidas pelas regiões distantes dos tempos idos. Que encanto sentir-se de novo atraído por essa idade querida e votada ao esquecimento, idade em que ele também, como todo o género humano na sua infância, ignorava o peso das realidades e da justiça, que ele ainda media somente pela balança acústica da beleza; em que todas as leis, mesmo as da virtude, como no tempo dos oráculos em volta do templo de Delfos, foram formu-

(1) Lopes de Moura, op. cit. pág. 31 (com relação a pormenores, pág. 42).

(2) Kemény, pág. 206. Cf. também as notas históricas que acompanham a maior parte das edições dos *Lusíadas*.

ladas em verso; em que, nele também, o mar calmo do coração ondulava suavemente, e das suas vagas embaladoras surgia Afrodite, o ideal da graça, para arrancar a sua alma à terra e aos homens, porque a altura do pensamento e do céu, onde reside o ideal, é infinita!

Porque haveria eu — suspirou Luís — de renegar por longos anos a poesia que, hora a hora, sobre mim derramara as delícias de uma vida inteira? Nem uma canção saudou Catarina ⁽¹⁾, e o coração não teve uma pulsação acusadora para recordar ao esquecimento que o amor não poderia ter trono digno dele, se as fadas da imaginação não constituíssem a sua côrte, em torno dos seus degraus. E poderia eu crer, aceitar dos lábios da multidão, da opinião pública do vulgo, que a poesia não passa de uma inclinação frívola, de um jogo insípido de palavras vãs de sentido, das quais a vida se ri, e que a fortuna evita? Como é estranho o destino do homem! A intenção, que será dona do seu destino, a guia da sua carreira, empresta-lha, na maior parte das vezes, o acaso. Se o homem, a quem acabo de ouvir recitar algumas rimas medíocres, se tivesse retirado uma hora mais cedo para a cela da sua clausura ⁽²⁾, o meu futuro teria permanecido estéril, apesar das minhas ambições.

O rosto do mancebo obscureceu-se, mas seus olhos chamejavam como outrora a sarça ardente, onde, sobre as tábuas dos mandamentos eternos, se acendeu a revelação.

Em longo cortejo desfilaram diante dele a sombra guerreira de Gama e dos cavaleiros ousados. As especiarias das Índias perfumavam o ar; as margens do Ganges eram azuis; do mar sem fim emergia lentamente a ilha encantada, onde, à sombra de árvores desconhecidas e sobre cochins de plantas jamais pisadas por pés humanos, belas donzelas se reclinavam, fadas de um género inominado ainda: tímidas como as ninfas, amorosas como as hurís, e de um humor afável,

(1) Camões poeta lírico, poeta de Catarina e de Natércia, parece não existir para Kemény.

(2) Trata-se de Fernando, cuja romança despertou na alma do herói recordações decisivas da sua mocidade.

como peris orantes. Mas a visão não era duradoira: as silhuetas, leves como espuma, dissiparam-se ante uma sombra cheia de horror, que fazia flutuar a sua mortalha e, gelando o sangue, apareceu o *castrum doloris*, sobre o qual se via estendida uma pálida noiva, Inês assassinada. Erecto e rígido, no trono — Pedro; e, ao seu sinal aterrador, o círculo dos cortesãos, lívidos, dos juizes do tribunal sangrento, premindo os lábios trémulos, a jeito de homenagem, sobre os dedos de cera da burguesa, que depois de morta foi raínha.

Entre essas imagens da evocação ardente, uma desconhecida mágoa e delícias ignoradas dilatavam o peito de Luís. Ali se erguia ele, em sua força sobre-humana, como um novo Deucalião; o dilúvio do esquecimento removeu dos seus pés as frágeis obras desta mesquinha terra; e, enquanto o véu profético da fantasia lhe envolvia as fontes, ele ia colocando as pedras — os dados frios da história — de onde haviam de surgir homens vivos e lutadores; e um novo mundo se povoou. Engalanado do poder da força criadora, ali se erguia Luís de Camões, e ante seus olhos flutuava, como inspiração divina, a grande concepção dos *Lusiadas*.

— Que uma grande aventura, e as lembranças da guerra, e a vil miragem do metal, a que chamam nobre, me tornem igual aos pretendentes oriundos de velhas famílias! Tu, poesia, serás o arco de Ulisses que um só homem no mundo poderá empunhar" (1).

Camões não se enganará: a poesia há-de valer-lhe a glória póstuma, mas só o tornará mais desgraçado neste mundo, pelo menos segundo o conceito do romancista. A ingratitude da nação, do rei, idolatrado por ele como por tantos outros idealistas do seu país, e, sobretudo, a mulher amada, preparam-lhe mágoas, de que já o não poderá consolar a esperança na glória, depois da morte. Um mundo azafamado e brilhante (o mesmo que lhe roubou Catarina) não pode ligar-lhe atenção: tem muito com que se preocupar e gozar, antes de cair no abismo para onde a fatalidade o vai impelindo. As apreensões do Poeta e as censuras

(1) Kemény, págs. 214-216.

com que ele verbera os seus contemporâneos ⁽¹⁾ são ampliadas e diferenciadas pela pena de Kemény, numa série de estudos, incorporados no romance, sobre as «causas da grandeza e da decadência» da nação portuguesa. O pèssimismo do século XIX vê tudo negro; o romântico, afastado pelo realista, explica facilmente as antíteses. A nação caracterizada pela frase tantas vezes empregada, a acreditar em Kemény, do — «*tenha paciência*», e inclinada à preguiça dos povos meridionais ⁽²⁾, é, ao mesmo tempo, a nação mais empreendedora da Renascença, a nação que merecia o seu Camões «impetuoso», na sua própria confissão ⁽³⁾, e a formar contraste ⁽⁴⁾, tanto com a paisagem e com o clima, como com o resto dos seus compatriotas.

Depois do passeio com seu amigo Pedro, Camões fica só.

«Em volta dele, uma paisagem, que das mãos da natureza saiu bela, foi desfigurada pelas dos homens.

O ar é quente e silencioso, repleto de aromas que amolecem os nervos. Nos laranjais não sussurra o ruído da brisa, nem se ouve o gorgueio das aves.

No alto, o bronze escuro e azulino do céu.

Lá longe, um caminheiro sobre o recorte das colinas, ou ainda um cavador junto da sua vinha; um e outro sem grandes ambições, sem se darem a um grande esforço. No horizonte, singularmente elevado, nem o próprio grou levanta vôo, símbolo da paixão inquieta que aspira ao desconhecido, que tende para o longínquo: o clima acaba por desvanecer os seus instintos de migração, porque lhe oferece tudo quanto ele necessita: um estio quente e um inverno temperado.

O porto, esse porto barulhento, onde se joga a mais poderosa das lotarias, onde a costa pede merca-

(1) *Lus.*, fim do Canto IX; e X. 145. — O nobre pensamento social de Camões merece também atenção. (VII, 86; IX, 27-28). Comp. as palavras do médico israelita, em Kemény, págs. 312 e segs.

(2) Kemény, pág. 205, bem como 194 e segs.

(3) *Ibid.*, pág. 195.

(4) «Esses portugueses multímodos... constituem um momento insigne na história da personalidade». Fidelino de Figueiredo, *op. cit.*, pág. 162.

dorias aos ventos inconstantes, e a vaga reclama a sua presa; onde a civilização exige, como Atenas exigia de Creta, o sacrifício humano, preço da sua aliança, preço dos privilégios — o porto está situado tão longe dali, que o crepitar das amarras, a rebentação das vagas, a alegria e a dor dos que partem e dos que chegam, não podem lá sentir-se, nem exercer influência alguma sobre o fluxo e o refluxo dos sentimentos.

Em compensação, sobre o alto cume, à semelhança de um altar sobre um pedestal de mármore, erguia-se o mosteiro de Mafra (*), bastante longe, mas não tanto que se não distinguissem os seus contornos arquitecturais, fazendo lembrar um plano de vida bem calculado: acima da sua fachada maciça, a dupla cúpula, como a Esperança e a Fé assentes sobre a Resignação.

Que contraste entre o que ia no peito de Luís e esta paisagem!" (1).

Estamos em meados do século XIX, no momento em que principia a insistir-se sobre as determinantes geográficas do indivíduo (2). Kemény atribui ao sol de Portugal a mesma influência decisiva que Daudet atribuirá ao sol da Provença: "Faz um sol ardente. A tarde vem caindo. Em breve a treva subirá do horizonte. Contudo, o sol resseca e faz ferver, brilha e cega. Neste ponto do globo, os seus raios são tão dardejantes à tarde, como no seu apogeu. Tal um sagitário numida, as suas flechas atingem-nos, mesmo quando ele nos foge. Nem uma brisa. As folhas do salgueiro não se mexem e o loureiro, erecto, está firme, nos altos. — Que calor! — exclama Catarina. — Como no deserto de Africa, Senhora, como nos ventriculos do coração" (3).

E eis aqui, não um pôr do sol, mas uma queda do sol:

"Neste momento a noite caiu como o cortinado de

(1) Kemény, pág. 208.

(2) Kemény fez estudos de medicina na Faculdade, onde a influência do factor fisico logo foi exagerada.

(3) Kemény, pág. 197.

(*) Vide a nota que lançamos a pág. 12, a propósito do Mosteiro de Mafra.

um leito, sem crepúsculo. Vós outros, filhos do clima frio, não podeis imaginar o que seja este fenómeno; entre vós, o sol, como o doente no seu leito de dor, expira lentamente; aqui, ele precipita-se no abismo, como Curtius. Lá, o crepúsculo sobe do leste, vagarosamente; ao passo que a oeste a luz desce, dissipando-se por gradações bruscas ⁽¹⁾. A luz difusa arrasta-vos a um humor mediano; a paixão embota-se, a razão, havendo recuperado a sua sobriedade, lança um olhar ao passado, e deduz com sangue frio as suas conclusões. Mas, aqui, não há escala que permita ao pensamento deter-se por um instante; aqui, o coração, castigado pelas sensações, tem um pulsar único, e antes que ele possa bater uma nova pulsação, surge a noite, confessor vestido de negro, para que lhe revelemos os segredos que teríamos talvez ocultado ao mundo resplandecente de mil cores diversas...» ⁽²⁾.

O exotismo, não somente do clima e da natureza ⁽³⁾, mas também de mundos inteiramente desconhecidos, é objecto de um estudo sério de Kemény. Não pelo prazer de nos fazer viajar num meio diferente do nosso. O exotismo, nele, serve sobretudo a realidade e, mais ainda, a realidade psíquica, à qual fornece interpretações. E' a «luta no coração» (pág. 254), é «a vida íntima do peito» (pág. 280), é o «presentimento» daquilo que os protagonistas podiam «pressentir» (pág. 198) que interessam o romancista.

Não é, sobretudo, o exotismo da incompreensão, como o de tantos outros romancistas ⁽⁴⁾, inspirados no

⁽¹⁾ Aqui ainda, uma citação do Condor das Cordilheiras, eternizado por Leconte de Lisle, se impõe, desta vez ligada à invasão da obscuridade.

⁽²⁾ Kemény. pág. 201.

⁽³⁾ Fidelino de Figueiredo refere-se (pág. 166) a «o deslumbramento ante maravilhas exóticas», também aludindo Camões.

⁽⁴⁾ Apontamos alguns exemplos do interesse que nele despertaram os nomes e as coisas portuguesas: a) mordomo (124, 223), tafulo (203, 261), fidalgo (205 e passim), «tenha paciência!» (205); b) nomes geográficos: Sintra, Mafra, Serra Branca, Barém, Goa (207), Macau, Lisboa (200, 201), reino de Chembe (228, 230), Belém (fundação, 235), etc.; c) nomes de pessoas (além dos nomes mencionados no decurso deste estudo): António de Noronha (207), duque de Rigas (22), D. Diego de Sousa (228), D. Francisco Barreto (228), Pombal (256), o arcebispo de Almeida (257), duque de Aveiro, Mascarenhas (257), conde de Távora (266), conde de Alca-

deslumbramento daqueles franceses em volta do Persa de Montesquieu: «Ah! Monsieur est Persan? Comment peut-on être Persan?». Kemény ama esse Portugal, que estudou e conhece muito bem. O juízo um pouco severo, que ele perfilha, refere-se a uma época de crise. E' o que nos diz este curioso quadro, cheio de contrastes, da Lisboa de 1574:

«Não há contraste maior do que entre os edifícios da Praça da Figueira e o bairro onde, sobre um promontório, se ergue o Mosteiro de Belém, e onde, ao longo da costa, se espalham as cabanas de pescadores.

Lancemos em roda um olhar, sem esquecer que é ao século XVI que teremos de ir buscar a descrição da paisagem e as cores.

O' Lisboa, pérola de todas as zonas, tu, dama fútil e banal, enfeitada com um diadema de brilhantes e uma coroa de perpétuas!

Quando subo aos baluartes da fortaleza de S. Jorge e estendo a vista às praças do Rocio e da Figueira, e ao labirinto das ruas que ali desaguam, ¿ onde vos encontrarei, ó simplicidade e conforto sem pretensões?

Vós, palácios dos grandes, cúpulas e colunatas consagradas à oração, tendes altivez, é certo, mas a vossa riqueza consiste na vaidade de um falso orgulho.

O grande não ousou lançar bases profundas e construir paredes espessas, porque o solo de Lisboa é caprichoso como o garanhão de Andaluzia, que se

çova (267), conde de Vimioso (290). Alude às «aventuras de Pacheco, cantadas em baladas» (232), etc. — A cor local exótico-geográfica é devida aos *Lusladas*, nesta parte da narrativa de Rodrigo, (Kemény, pág. 230): «Vimos a ponta de Arómata, na língua do povo Guardafú, destacar-se em tintas pálidas da atmosfera vaga. E' aí que começa a alargar a abertura do Mar Vermelho, que deve essa cor às suas profundezas, e cujas ondas áridas dividem duas irmãs: a Ásia e a África», etc. Comparem-se estas linhas aos versos seguintes do Canto X dos *Lusladas*, estrofe 97:

O cabo vê já Arómata chamado,
E agora Guardafú, dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as cores,
Este como limite está lançado
Que divide Ásia de África; e as melhores
Povoações que a parte África tem
Maçá são, Arquico e Çuaquém.

desembaraça fàcilmente de um fardo incómodo. Lisboa é mais traiçoeira do que o próprio mar, porque a aristocracia de Veneza dominou a água salgada das lagunas e construiu, apoiadas em forte estacaria, obras arquiteturais permanentes e pesadas, ao passo que o «fidalgo» português treme só de pensar nos veios do solo, onde a lava se forma, e onde referve a matéria dos abalos de terra. Ele não ousa tentar a sua Madona com exigências temerárias, e dá-se por satisfeito quando, tendo deposto as suas riquezas junto daqueles lugares, levanta, com pedra calcárea em vez de mármore de Carrara, arcarias que fascinam os olhos pelo seu colorido... Mas então, de que maneira dissipar o tesouro que lhe pagam Goa e o Brasil, como tributo do trabalho dos escravos, e que ao mesmo tempo a multidão dos mendigos inveja e maldiz? Oh, os grandes de Portugal conhecem o luxo tão bem como os genoveses, como os outros nobres italianos e como os restantes favorecidos da fortuna, cujos caprichos são causa da luta de milhares de creaturas contra a morte pela fome...

E as igrejas... são tão numerosas que as línguas de bronze dos seus sinos poderiam chamar à oração um país inteiro.

... Cidadela de S. Jorge, tu nos conduziste ao longo das frontarias de casas, onde vivem os ricos; os meus olhos estão ofuscados pelo seu esplendor, mas o meu coração ficou vazio, e o meu entusiasmo sem alimento. Adeus! Eis-me já em frente do Mosteiro de Belém.

... Na maior agitação das vagas, estas aproximam-se do seu alicerce de rochedos; o rumor do mar e as gaivotas sobem até junto das janelas do convento.

De ali, o horizonte, ora se mostra heróico e feroz como o espírito de D. Manuel, ora romanesco e maravilhoso como o canto de Camões, porque o órgão da tempestade abafa, por vezes, o coro dos religiosos; nas voragens, o tritão banha-se, no meio dos destroços e do terror; em compensação, outras vezes, as madeixas de luar reflectem-se nas lentejoilas trémulas do mar, e, por entre as dobras do véu prateado, uma brisa ligeira brinca e suspira.

Saiamos do cláustro, onde os altos relevos e as esculturas anunciam a conquista da Índia oriental, e onde o grande rei, em cujo cérebro esta ideia imensa nasceu, tem um ataúde de prata para as suas cinzas, e a mais bela das inscrições em sua memória.

A porta lateral do cláustro comunica com estreitas ruelas.

Muito perto do circuito das muralhas, na encosta da montanha, ergueram-se casas, pequenas como ninhos de gaviões e de pombos, moradas de contrabandistas e de pobres, que vivem sob a protecção da Igreja.

Lá mais abaixo, as vielas são ainda mais feias, a população mais equívoca e o seu perfil mais criminoso...” (1). (*)

Escusado seria dizer que esta descrição foi inspirada tanto pelo sentimento social, cada vez mais dominante na literatura do séc. XIX, quanto pelo gosto da antítese dinâmica, característica do romantismo francês. E, sobretudo, depreende-se que Kemény tem o pensamento posto no seu próprio país, nos materiais tão simples de que se reveste na Hungria o barroco, tão sumptuoso e tão rico na Itália, paraíso dos belos mármore. A aproximação tácita dos dois países, Portugal e Hungria, torna-se manifesta no momento em que o autor da *Vida e Sonho* diz: “E’ a Lisboa de outrora que eu quero evocar, a “raínha dos mares”, e os descendentes de Luso, que D. Manuel, o Grande, tinha convertido em gigantes e que, com D. Sebastião, caminham para uma decadência e um aviltamento semelhantes àqueles que os húngaros tiveram de conhecer e maldizer, após o reinado de Matias e durante a cam-

(1) Kemény, págs. 301-304.

(*) Descrição evidentemente pouco lisonjeira da maravilhosa Lisboa do séc. XVI, o que aliás o Prof. Hankiss mostra notar também, nas linhas que seguem. Não é, contudo, de estranhar que a um escritor estrangeiro, talvez carecente dos indispensáveis elementos históricos e iconográficos, fosse impossível fazer uma reconstituição dos aspectos da opulenta cidade, na época de seiscentos, então considerada a metrópole comercial do mundo!

panha de Luís II. Irei encontrar ali a ribeira de Lukkos, a vertente do regato de Csele» (1).

Nos *Lusiadas*, Kemény pôde, satisfeito, deparar com o nome venerado de Henrique,

... segundo
Filho de um Rei de Hungria experimentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era ilustre nem prezado (2).

e com o nome dos da sua nação (Panónios) (3). E, ainda como os próprios portugueses, esse Húngaro do século XIX pôde estabelecer o confronto, não sem tristeza, com a época brilhante em que as duas pátrias figuravam, com glória, entre as potências mais consideradas do mundo — potências, tanto intelectuais e espirituais, como militares. Ele ter-se-ia por culpado se caísse num sonho estéril, deixando-se dominar por uma atitude contemplativa: preferiu, assim, pintar um quadro cheio de ensinamentos amargos, mas — quem sabe? — que poderiam tornar-se úteis à sua nação e, certamente, a outras ainda, e à própria humanidade composta dessas mesmas nações em luta (4).

Seja como for, ele opôs a esse quadro triste, apesar das suas cores da maior beleza, um protagonista exuberante de máscara frescura e aureolado de idealismo e de génio — Camões, visto através do seu poema, figura que não necessitou de idealizar, porque já tinha existência real.

O romance de Kemény merecia ser vertido para

(1) Ibidem, pág. 253. Cf. ainda o quadro histórico da página 225.

(2) *Lus.*, III, 25. Cf. também, sobre Henrique: III, 27-28 e VIII, 9.

(3) *Lus.*, III, 11.

(4) «A crítica portuguesa ainda não ergueu o poema de Camões à altura que lhe cabe. Confinando-o a um significado nacional, tem feito do poema uma bíblia do patriotismo lusitano, um marco fronteiro a separar as nacionalidades ibéricas e um cântico de autolatria. Mas os *Lusiadas* são muito mais do que isso, porque são um monumento humano, que não separa, conjuga, exalta e sublima como toda a verdadeira obra de arte». Palavras tão justas quão belas de Fidelino de Figueiredo (op. cit., pág. 165), e que poderiam tornar-se a divisa de todos os civilizados.

português e, nesta língua, ocupar um lugar muito perto do *Camões* de Garrett. Merecê-lo-ia pela variedade, intensamente dramática (1), das cenas, das tonalidades, das ideias — variedade de elementos, cuja unidade é contudo garantida por um plano digno de um grande poema. É merecê-lo-ia também como elemento de aproximação cordial de duas nações, dignas de se compreenderem e de aprenderem uma com a outra.

(1) Este romance, de tendência psicológica, tem alguma coisa de dramático, senão de trágico, na sua concepção. O papel considerável reservado ao diálogo é um dos sinais mais evidentes dessa característica.

